

JONATHAN FRANZEN

# Tremor

*Tradução*  
Sonia Moreira



Copyright Strong Motion © 2001 by Jonathan Franzen

Crédito das canções mencionadas: "Marie Provost" (N. Lowe) copyright © 1977 Rock Music Company Limited; "I love the sound of breaking glass" (N. Lowe, A. Bodner, S. Golding) copyright © 1978 Rock Music Company Limited; "See no evil" (T. Verlaine) copyright © 1978 Double exposure Music, Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Strong Motion

*Capa*

Elisa v. Randon

*Imagen de Capa*

Scientifical/ Getty Images

*Preparação*

Ana Cecília Agua de Melo

*Revisão*

Jane Pessoa

Adriana Cristina Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Franzen, Jonathan

Tremor / Jonathan Franzen ; tradução Sonia Moreira. —  
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Strong motion.

ISBN 978-85-359-2115-1

1. Romance norte-americano i. Título.

---

12-05344

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## I. GÊNERO PADRÃO

# 1.

Quando as pessoas lhe perguntavam se tinha irmãos, Eileen Holland às vezes precisava pensar alguns instantes antes de responder.

Na escola primária, ela e as amigas costumavam jogar bobinho durante o recreio e, quando acontecia de estourar alguma briga no outro lado do pátio, geralmente a cara que estava sendo arrebentada no chão áspero era a de seu irmão mais novo, Louis. Ela e as amigas olhavam para aquilo e continuavam a jogar a bola umas para as outras. Estavam pulando corda no dia em que Louis brigou com um menino na trave mais alta do velho trepa-trepa infestado de tétano e machucou uma parte diferente do corpo em cada uma das traves em que foi batendo enquanto despencava lá de cima, lascando os dois dentes da frente no terceiro andar, fazendo um hematoma nas costelas no segundo, sofrendo uma concussão por impacto e uma torção no pescoço no primeiro e paralisando o diafragma no choque com o piso de asfalto. As amigas de Eileen correram para ver o menino possivelmente morto. Ela ficou sozinha, segurando uma ponta da corda e se sentindo como se tivesse caído e ninguém tivesse vindo ajudá-la.

Eileen era uma imagem fiel e bonita de sua mãe, com olhos escuros e espantados, sobrancelhas finas como um risco de lápis, testa alta, maçãs do rosto salientes e cabelo liso e escuro. Tinha braços que lembravam os galhos

de um salgueiro, e às vezes ela até balançava como um salgueiro, de olhos fechados, quando ficava tão feliz por estar com suas amigas que até esquecia que elas estavam lá.

Louis, como o pai, era menos ornamental. Dos dez anos em diante, passou a usar óculos estilo aviador, com uma armação de metal que combinava vagamente com seu cabelo, que era cacheado e da cor de parafuso velho, e já estava começando a ficar ralo quando ele concluiu a escola secundária. O corpo troncudo era outro traço genético que ele herdara do pai. Na escola ginásial e na escola secundária, os novos colegas de Eileen esperavam que ela lhes respondesse “Não, não tem nada a ver” quando lhe perguntavam se Louis Holland era seu irmão. Para Eileen, essas perguntas eram como aplicações de vacina. O reconfortante chumaço de algodão embebido em álcool que se seguia à espetada da agulha era o reconhecimento, por parte dos colegas, de que seu irmão não se parecia *nem um pouco* com ela.

“É”, ela concordava, “a gente é muito diferente mesmo.”

Os jovens Holland cresceram em Evanston, no Illinois, à sombra da Northwestern University, onde o pai deles trabalhava como professor de história. De vez em quando, à tarde, Eileen via Louis de longe numa mesa do McDonald’s, cercado dos garotos desajustados com quem ele andava, suas refeições fajutas, seus cigarros, suas caras brancas feito cera e suas roupas militares. A negatividade que emanava daquela mesa fazia com que ela temesse não conseguir abrir um espaço para si na concorrida rodinha de seus pares. Ela era, ou assim dizia a si mesma, muito diferente de Louis. Mas nunca estava inteiramente a salvo dele. Mesmo no meio da espumeção e das risadas de um banco traseiro, Eileen sempre calhava de olhar pela janela no momento exato de avistar o irmão andando apressado pelo acostamento imundo de alguma estrada suburbana de seis pistas, sua camisa branca cinza de suor, seus óculos brancos com o fulgor da estrada. Ela sempre tinha a impressão de que ele estava lá só para que ela o visse, uma aparição vinda daquele mundo privado paralelo no qual ela não vivia mais desde que passara a ter amigos, mas que Louis obviamente ainda habitava: aquele mundo onde você estava sozinho.

Um dia, no verão, antes de ela começar a faculdade, Eileen precisou de repente usar o carro da família para ir à casa de Judd, seu namorado na época, que morava mais ao norte na margem do lago Michigan, em Lake Forest. Quando Louis argumentou que já tinha pedido uma semana antes para usar o

carro naquele dia, Eileen ficou furiosa com ele, mais ou menos como uma pessoa fica furiosa com um objeto inanimado que ela toda hora deixa cair ou não consegue usar direito. Por fim, ela convenceu a mãe a pedir a Louis que fosse generoso, só daquela vez, e deixasse a irmã usar o carro para ir visitar o namorado. Quando chegou à casa de Judd, ela ainda estava tão furiosa que acabou esquecendo a chave na ignição. O carro foi prontamente roubado.

Os policiais de Lake Forest não foram particularmente gentis com ela. A mãe foi menos gentil ainda no telefone. E Louis, quando ela finalmente chegou em casa, desceu as escadas usando uma máscara de mergulhador.

“Eileen”, disse a mãe. “Minha querida, você deixou o carro rodar pra dentro do lago. Ninguém roubou o carro. Acabei de receber um telefonema da sra. Wolstetter. Você esqueceu de puxar o freio de mão e de deixar o câmbio no ‘p’. O carro desceu pelo gramado da casa dos Wolstetter e caiu dentro do lago.”

“Sabe aquele ‘P’ que fica lá no alto, do lado esquerdo da marcha, Eileen?”  
A voz de Louis soou abafada e nasalada. “P de Parado? N de Neutro? Sabe?”

“Louis”, a mãe disse.

“Ou será que é N de Não e P de... Prosseguir? D de Desistir?”

Depois desse trauma, Eileen não conseguiu mais reter nenhuma informação sobre onde Louis estava, nem sobre o que estava fazendo. Sabia que ele tinha ido para uma universidade em Houston e estava estudando algo como engenharia elétrica, mas quando a mãe fez menção ao irmão numa conversa telefônica, talvez para comentar que ele havia trocado de curso, a sala de onde Eileen estava telefonando ficou barulhenta de repente. Ela não conseguia se lembrar do que a mãe havia acabado de dizer. Teve de perguntar: “Então, ele está estudando... o quê, agora?”. E a sala ficou barulhenta de novo! Ela não conseguia se lembrar do que a mãe estava dizendo nem enquanto a mãe falava! E, então, ela nunca ficou sabendo o que Louis estava estudando. Quando cruzou com ele nas férias de Natal no segundo ano da sua pós-graduação — ela estava fazendo MBA em Harvard —, Eileen teve de se arriscar a tentar adivinhar o que ele vinha fazendo desde que se formara em Rice: “Mamãe me disse que você está trabalhando com algo como design de micro-chips, é isso?”.

Ele ficou olhando para ela.

Ela sacudiu a cabeça, não, não, não, apague o que eu disse. “Me conte o que você está fazendo”, disse humildemente.

“Eu estou olhando para você atônito.”

Mais tarde a mãe lhe contou que ele estava trabalhando numa emissora de rádio FM em Houston.

Eileen morava perto da Central Square em Cambridge. Seu apartamento ficava no oitavo andar de um arranha-céu moderno, uma torre de concreto que pairava acima das construções de tijolo e madeira que o cercavam como uma coisa que por algum motivo tivesse escapado da erosão, com lojas e um restaurante de frutos do mar no subsolo. Numa noite de fins de março, ela estava em casa fazendo brownies com calda tripla de chocolate quando Louis, a quem vira pela última vez do lado da árvore de Natal em Evanston lendo um romance policial, telefonou para ela para contar que tinha se mudado de Houston para a cidadezinha de Somerville, a vizinha pobre de Cambridge, ao norte. Ela perguntou o que o tinha trazido a Somerville. Microchips, ele disse.

A pessoa que adentrou o apartamento dela alguns dias depois, numa noite úmida e gelada de fim de inverno, era definitivamente um estranho. Aos vinte e três anos, Louis estava quase careca no alto da cabeça, os fios restantes sendo o estritamente necessário para capturar fragmentos de neve. Seus grosseiros sapatos pretos de cadarço guinchavam no linóleo de Eileen enquanto ele passeava pela cozinha como se quisesse traçar uma estrela com seus passos, ricocheteando lentamente de uma bancada para outra. Seu nariz e suas bochechas estavam vermelhos e seus óculos, brancos de tão embaçados.

“Isso é tão contemporâneo”, ele disse, referindo-se ao apartamento.

Eileen pressionou os cotovelos contra o corpo e cruzou os pulsos sobre o peito. As quatro bocas do fogão estavam acesas na altura máxima e, em cima de uma delas, havia uma panela de água fervente. “Eu não estou conseguindo esquentar esse apartamento”, ela disse. Estava usando um suéter grosso, pantufas e uma minissaia. “Acho que desligam a calefação em 1º de abril.”

O interfone tocou. Eileen apertou o botão para abrir a porta lá embaixo. “É o Peter”, ela disse.

“Peter.”

“O meu namorado.”

Logo depois eles ouviram uma batida na porta, e Eileen conduziu o namorado, Peter Stoorhuys, até a cozinha. Os lábios de Peter estavam roxos de frio e sua pele, que estava bronzeada, tinha adquirido um tom chumbo. Com as mãos enfiadas nos bolsos de sua calça de sarja, Peter saltitava para se esquen-

tar, enquanto Eileen fazia as apresentações, às quais ele evidentemente não estava conseguindo prestar a menor atenção, congelado como estava. “Porra, está frio lá fora”, ele disse, indo para perto do fogão.

Havia um cansaço no rosto de Peter que nenhum bronzeado seria capaz de esconder. Era um daqueles rostos urbanos que já tinham sido reinventados tantas vezes que a pele, como um papel manchado e desgastado por múltiplas rasuras, havia perdido sua capacidade de manter uma imagem nítida. Sob os sombreados de seu atual jeitão de neopublicitário de Los Angeles, havia vestígios visíveis de yuppie, punk, mauricinho e maconheiro. Repetidas mudanças de estilo, como pentear-se demais, haviam tirado o viço de seu cabelo louro e comprido. Para se proteger do frio, ele usava um blazer xadrez e uma camisa sem gola.

“Eu e o Peter fomos para São Cristóvão e Nevis mês passado”, Eileen explicou a Louis. “Ainda não nos reajustamos.”

Peter estendeu suas mãos de nós brancos sobre duas das bocas do fogão e esquentou-as, investindo esse processo de aquecimento de tanta importância que Eileen e Louis não tiveram outra escolha senão ficar olhando para ele.

“E ele fica parecendo um pateta de chapéu”, disse Eileen.

“Eu costumo achar *casacos* muito úteis nesse aspecto”, disse Louis, largando o casaco forrado de fibras sintéticas num canto. Ele envergava seu uniforme dos últimos oito anos: camisa branca e jeans preto.

“Pois é, mas aí é que tá”, disse Eileen. “O casaco preferido dele está na lavanderia. Ou seja, o pior lugar possível.”

Foram necessários mais outros cinco minutos para que Peter degelasse o suficiente para permitir que os três se transferissem para a sala. Eileen se sentou no sofá com as pernas encolhidas, puxando a beirada do suéter para baixo para cobrir os joelhos nus e apoиando um braço nas costas do sofá no exato momento de receber o copo de uísque que Peter havia servido para ela. Louis perambulava pela sala, parando de vez em quando para aproximar miopiaamente o rosto de livros e outros bens de consumo. Todos os móveis e objetos do apartamento eram novos, a maioria deles uma combinação de superfícies brancas, cilindros pretos e peças de plástico vermelho-cereja.

“Então, Louis”, disse Peter, sentando ao lado de Eileen com um copo de uísque na mão. “Fale um pouco de você pra gente.”

Louis estava examinando o controle remoto do aparelho de videocassete.

Nas janelas grandes e embaçadas, as luzes distantes da Harvard Square formavam halos cor de madrepérola.

“Você é da área de comunicação”, Peter deu a deixa.

“Eu trabalho numa estação de rádio”, disse Louis, com uma voz muito lenta e muito uniforme. “A WSNE... conhece? Notícias com algo a mais...?”

“Conheço, claro”, disse Peter. “Não que eu ouça, mas já tratei de negócios com eles umas duas ou três vezes. Na verdade, soube que eles estão passando um perrengue, financeiramente. Não que isso não seja a norma para uma estação de mil watts. Uma coisa que eu sugiro é que você tente receber o seu pagamento ao fim de cada semana e, faça o que fizer, não deixe que eles convençam você a entrar em nenhum daqueles esquemas com título de propriedade...”

“Ah, não, eu não vou deixar não”, disse Louis, com uma veemência que deixaria qualquer pessoa observadora desconfiada.

“Quer dizer, você faz o que quiser”, continuou Peter. “Mas... quem avisa, amigo é.”

“O Peter vende espaço publicitário para a revista *Boston*”, disse Eileen.

“Entre outras coisas”, disse Peter.

“Ele está pensando em se inscrever para o mestrado em administração no outono. Não que ele precise aprender coisa alguma. Ele sabe um monte de coisas, Louis. Sabe muito mais que eu.”

“Você sabe ouvir?”, Louis perguntou de repente.

Peter apertou os olhos. “Como assim?”

“Você sabe ouvir o que as pessoas dizem quando você faz uma pergunta a respeito delas?”

Peter se virou para Eileen, consultando o que os olhos dela tinham a lhe dizer sobre aquela pergunta. Parecia ter dúvidas quanto à significação do comentário. Eileen se levantou de salto. “Ele só estava te dando um *conselho*, Louis. Nós todos temos muito tempo para ouvir uns aos outros. Estamos todos muito interessados... uns nos outros! Eu vou pegar uns biscoitos.”

Assim que ela saiu da sala, Louis se sentou no sofá e botou a mão no ombro de Peter, seu rosto vermelho bem perto da orelha de Peter. “Ei, amigo”, disse. “Eu também tenho um conselho pra te dar.”

Peter olhava fixamente para a frente, seus olhos se arregalando um pouco sob a pressão de um sorriso reprimido. Louis se inclinou, chegando ainda mais perto dele. “Você não quer ouvir o meu conselho?”

“Você só pode ter algum problema”, Peter observou.

“Use casaco!”

“Louis”, Eileen chamou da cozinha. “Você está bancando o esquisito com o Peter?”

Louis deu um tapinha no joelho de Peter e foi para trás do sofá. No chão, em cima de uma folha de jornal, havia uma gaiola com um gerbo, que estava usufruindo de uma roda de exercício. O gerbo corria hesitadamente, tropeçando de vez em quando com suas unhas microscópicas numa barra, depois galopando de novo de cabeça erguida e pescoço virado para o lado. Não parecia estar se divertindo muito.

“Seu pateta.” Eileen tinha voltado da cozinha com uma caneca de cerveja cheia de biscoitos-palito. Entregou a caneca a Peter. “Eu vivo dizendo para o Peter que a nossa família é maluca. Estou avisando desde o dia em que a gente se conheceu que não é pra ele levar para o lado pessoal.” De repente, com uma fluidez de movimentos de tirar o fôlego, ela se ajoelhou e, abrindo a porta da gaiola, extraiu o gerbo lá de dentro, puxando-o pelo rabo. Depois, levantou-o acima de sua cabeça e ficou observando o bichinho franzir o nariz. Agitando as patas dianteiras, o gerbo tentava inutilmente agarrar o ar. “Não é verdade, Milton Friedman?” Ela abriu a boca feito uma loba, como se fosse dar uma dentada na cabeça do bicho. Em seguida, pousou-o na palma de sua mão, e então o gerbo saiu correndo pela manga do suéter acima até o ombro dela, onde Eileen o recapturou, fechando-o dentro das duas mãos e deixando só a cara pontuda e bigoduda para fora. “Dá oi para o tio Louis”, disse ela, botando a cara do gerbo perto da de Louis. A cabeça do bicho parecia um pênis peludo e com olhos.

“Olá, roedor”, disse Louis.

“O quê?” Eileen trouxe o gerbo para perto de seu ouvido e fingiu escutar. “Ele disse ‘olá, pessoa’. Olá para o tio Louis.” Depois, botou o bicho de volta na gaiola e fechou a porta. Ainda antropomorfizado, mas agora livre, o gerbo parecia imbecil ou bronco quando correu para o tubo onde ficava sua garrafa de água e sorveu uma gotinha. Eileen continuou ajoelhada por mais alguns instantes, com as mãos apoiadas nos joelhos e a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse com água no ouvido. Depois, com a agilidade fluida que estava deixando Louis visivelmente espantado, ela voltou rapidamente para perto de Peter no sofá. “O Peter e o Milton Friedman estão meio de mal um

com o outro no momento”, disse ela. “O Milton Friedman fez um pipizinho numa calça de popeline que o Peter amava de paixão.”

“Que engraçado”, disse Louis. “Isso é muito, muito engraçado.”

“Eu acho que já vou indo”, disse Peter.

“Ah, Peter, por favor, tenha um pouquinho de paciência”, disse Eileen. “O Louis só está sendo protetor. Você é meu namorado, mas ele é meu irmão. E vocês vão ter que se entender, nem que eu tenha que botar os dois juntos na mesma gaiola. Você pode ficar com a roda pra se exercitar, Louis, e eu boto um pouco de Chivas na garrafinha para o meu pateta pinguço. Rá, rá, rá!”, Eileen riu. “E aí a gente compra uma calça de popeline pro Milton Friedman!”

Peter esvaziou seu copo e se levantou. “Eu vou embora.”

“Está bom, eu estou sendo meio chata”, Eileen disse com uma voz completamente diferente. “Eu vou parar. Vamos relaxar um pouco. Vamos ser adultos.”

“Sejam adultos vocês”, disse Peter. “Eu tenho que trabalhar.”

Sem olhar para trás, ele saiu da sala e do apartamento.

“Ah, que ótimo”, disse Eileen. “Obrigada.” Ela deixou a cabeça cair para trás sobre o encosto do sofá e olhou para Louis de cabeça para baixo. Suas sobrancelhas finas eram como lábios selados e, sem sobrancelhas acima deles, os olhos tinham uma expressão alheia ao vocabulário humano, uma estranheza oracular. “O que foi que você falou pra ele?”

“Eu disse que ele devia usar casaco.”

“Que gracinha você é, Louis.” Ela se levantou e calçou as botas. “Qual é o seu problema, hein?” Em seguida, atravessou o hall correndo e saiu porta afora.

Louis observou a saída dela sem muito interesse. Abriu um claro na condensação da janela e ficou vendo a neve fina, rosada pelas luzes dos para-choques, cair sobre a Massachusetts Avenue. O telefone tocou.

Louis foi até o complexo aparelho de comunicação, que tinha sua própria mesinha, e correu os olhos por ele como se o aparelho fosse um bufê onde nada lhe apetecia. Por fim, depois do quinto toque, como a secretária eletrônica não atendeu, ele pegou o fone. “Alô.”

“Peter?”, disse uma senhora com voz trêmula. “Eu tenho tentado desesperadamente...”

“Não, não é o Peter.”

Houve um farfalhar inquieto. Murmurando um pedido de desculpas, a mulher pediu para falar com Eileen. Louis perguntou se ela queria deixar recado.

“Quem está falando?”, a mulher perguntou.

“É o irmão da Eileen. Louis.”

“Louis? Meu Deus do céu, aqui é a vovó.”

Ele ficou olhando para a janela um bom tempo. “Quem?”, perguntou por fim.

“Rita Kernaghan. Vovó.”

“Ah. Oi. Vovó. Oi.”

“Eu não acredito que nós só nos vimos uma vez.”

Com certo atraso, Louis se lembrou de uma imagem, a imagem de uma mulher barriguda, com uma cara de gatinha muito pintada, que já estava instalada numa mesa do Berghoff quando ele, seus pais e Eileen entraram juntos no restaurante, numa noite de nevasca em Chicago. Isso tinha sido uns sete anos antes — cerca de um ano depois que a mãe dele tinha viajado para Boston para ir ao enterro do pai. Do jantar no Berghoff, Louis só se lembrava de uma travessa de coelho assado com panquecas de batata. E de Rita Kernaghan mexendo no cabelo de Eileen e a chamando de boneca? Ou será que isso tinha sido em algum outro jantar, com outra mulher idosa? Ou quem sabe um sonho?

Avó, não: avó postiça.

“É”, ele disse. “Eu me lembro. Você mora por aqui, não é?”

“Sim, eu moro nos arredores de Ipswich. Você está visitando a sua irmã?”

“Não, eu trabalho aqui. Trabalho numa estação de rádio.”

Essa informação pareceu interessar a Rita Kernaghan. Ela quis saber mais detalhes. Ele era locutor? Conhecia o diretor de programação? Ela propôs que eles se encontrassem para tomar um drinque. “Assim a gente pode se conhecer um pouco melhor. Que tal na sexta-feira, depois do trabalho? Eu vou estar na cidade no final da tarde.”

“Está bem”, disse Louis.

Assim que eles combinaram a hora e o lugar, Rita Kernaghan se despediu e desligou. Instantes depois Eileen voltou para o apartamento, molhada e zangada, e se enfiou na cozinha. “Eu só vou servir o jantar se você me pedir desculpas!”, falou.

Louis franziu o cenho, pensativo, comendo biscoitos-palito.

“Você foi muito infantil e muito grosso”, disse Eileen. “Eu quero que você me peça desculpa.”

“Eu não vou pedir desculpa. Ele nem apertou a minha mão quando chegou.”

“Ele estava gelado!”

Louis revirou os olhos diante da sinceridade da irmã. “Está bom”, disse. “Desculpe ter estragado o seu jantar.”

“Bom, não faça isso de novo. Pra sua informação, eu gosto muito do Peter.”

“Você o ama?”

A pergunta fez Eileen vir da cozinha para a sala com uma expressão de espanto no rosto. Louis jamais havia feito a ela uma pergunta sequer remotamente tão pessoal quanto essa. Ela se sentou perto dele no sofá e ficou mexendo nos dedos do pé, numa posição de quem vai raspar a perna, a ponta do nariz apoiada de leve num joelho. “Às vezes eu acho que sim”, disse ela. “Mas eu não faço o tipo super-romântica, sabe. O Milton Friedman é mais o meu pique. Engraçado você perguntar isso.”

“Não é a pergunta óbvia?”

Ainda inclinada sobre o joelho, ela fechou um olho e ficou estudando Louis. “Você parece diferente”, disse.

“Diferente do quê?”

Ela sacudiu a cabeça, sem vontade de admitir que nunca lhe ocorrera que seu irmão mais novo, aos vinte e três anos de idade, poderia já estar familiarizado com o conceito de amor. Pôs-se a examinar cuidadosamente seus tornozelos, passando o dedo pelos ossos salientes e arredondados, beliscando os tendões na parte de trás e balançando o corpo de leve para a frente e para trás. Seu rosto já estava perdendo a graciosidade. O tempo, o sol e o mestrado em administração tinham tornado sua cor mais desbotada, uma concebível Eileen de meia-idade começando de repente a se deixar entrever, como papel de parede velho sob uma demão de tinta nova. Levantando o rosto, ela olhou para Louis timidamente. “Legal a gente estar morando na mesma cidade de novo.”

“É.”

Ela ficou mais cautelosa ainda. “Você gosta do seu emprego?”

“Ainda é cedo pra dizer.”

“Dá uma chance pro Peter, Louis. Ele pode parecer um pouco arrogante às vezes, mas ele é no fundo um cara superfrágil.”

“Por falar nisso”, disse Louis, “ligaram para ele enquanto você estava lá embaixo. Ela disse que era a vovó, e eu fiquei, sabe, vovó? Que vovó?”

“Ah. A Rita. Ela também tentou me fazer chamá-la de vovó.”

“Eu nem lembrava que ela existia.”

“Isso é porque ela e a mamãe são meio... argggggg.” Botando as duas mãos no pescoço, Eileen fingiu se estrangular. “Você está sabendo alguma coisa sobre isso?”

“Sabe quando foi a última vez que eu tive uma conversa de verdade com a mamãe? O Ferguson Jenkins ainda estava no Chicago Cubs.”

“Bom, parece que o vovô ganhou rios de dinheiro numa determinada época e aí, quando morreu, ele não deixou nada nem pra mamãe nem pra tia Heidi, porque estava casado com a Rita. A Rita ficou com tudo.”

“Essa definitivamente não é a melhor forma de conquistar a mamãe.”

“Só que o Peter diz que a Rita na verdade também não ficou com nada. Está tudo num fundo fiduciário.”

“O que é que o Peter tem a ver com isso?”

“Ele era o agente da Rita. Foi assim que eu o conheci.” Eileen se levantou e foi até a estante. “A Rita virou new age depois que o vovô morreu. Mandou até construir uma pirâmide no alto da casa. Agora ela guarda os vinhos no celeiro, porque acha que eles não vão envelhecer debaixo da pirâmide. Esse aqui é o livro novo dela.” Eileen entregou a Louis um volume fino, de capa rosa-choque. “Ela publica numa editora fajuta de Worcester, que manda os exemplares pra ela todos de uma vez só, num único carregamento, naquelas chatas enormes. Na última vez em que eu fui à casa dela, os livros estavam todos no celeiro, com os vinhos. Era como um imenso muro de livros. É por isso que ela precisa de um agente, e por causa das palestras dela também. Mas, escuta, você quer tortellini com molho de tomate ou linguine com molho de marisco?”

“O que for mais fácil.”

“Bom, os dois já vêm prontos.”

“Tortellini, então”, disse Louis. O título do livro rosa-choque era *Princesa Itaray: o histórico do caso de uma atlante*. Na folha de rosto, a autora havia escrito: *Para Eileen, minha bonequinha, com amor, da vovó.* Louis folheou o livro, que era dividido em capítulos, subcapítulos e sub-subcapítulos, com títulos em negrito e numerados:

#### **4.1.8 Implicações do desaparecimento do apêndice externo: uma expulsão reversível do Éden?**

Louis leu o texto da orelha. *Neste trabalho inventivo, mas erudito, a dra. Kernaghan defende a hipótese de que a pedra angular da sociedade atlante era a gratificação universal do desejo sexual e propõe que o apêndice humano, hoje um órgão vestigial, era nos atlantes não só externo, como altamente funcional. A partir da regressão hipnótica de uma menina de catorze anos, Mary M., de Beverly, Massachusetts, a dra. Kernaghan embarca numa instigante exploração da psicologia atlante, das origens históricas da repressão sexual e do potencial de que dispõe o mundo moderno para retornar a uma era dourada...*

“Ela escreveu dois outros livros antes desse”, disse Eileen.

“Ela é doutora?”

“Ela tem um título honorífico. O Milton Friedman acha que é a coisa mais idiota que ele já viu na vida, não é verdade, Milton Friedman? O Peter a ajudou muito, cavou umas duas ou três entrevistas pra ela no rádio e na televisão. Ele tem contatos em tudo quanto é lugar, e olha que ele só trabalha com isso meio expediente. Mas depois de um tempo ele teve que dizer pra ela arranjar outra pessoa. Primeiro porque ela bebe horrores. E depois porque ela fala do vovô como se ele estivesse vivo e falasse com ela o tempo todo. Você não sabe se é pra rir ou se é pra levar a sério.”

Louis não mencionou que havia marcado um encontro com a mulher.

“Mas, enfim, foi assim que eu conheci o Peter. Ela tem uma casa linda. Você provavelmente não lembra, mas nós passamos uma ou duas semanas lá quando éramos pequenos. Você lembra?”

Louis fez que não.

“Nem eu, na verdade. A Rita ainda não estava na jogada. Quer dizer, ela ainda era só secretária do vovô. Às vezes eu fico pensando o que nós acharíamos dele se ele ainda estivesse vivo.”

Louis se sentou em diversas cadeiras e Eileen orbitou em torno dele o resto da noite. Um prato de comida era algo em relação ao qual ela não demonstrava ter um senso de responsabilidade particularmente apurado; levantava da mesa e voltava, depois levantava de novo; sua comida estava a sua mercê. Quando Louis vestiu o casaco para ir embora, ela, meio sem jeito, deu tapinhas no braço dele e, mais sem jeito ainda, o abraçou. “Te cuida, tá bom?”

Louis se desvencilhou do abraço. “Como assim ‘te cuida’? Pra onde você acha que eu vou? Eu estou morando a quatro quilômetros daqui.”

Ela só tirou a mão do ombro dele quando ele saiu porta afora. Pouco depois, quando ela estava ligando a TV para ver as notícias, alguém bateu na porta. Louis estava parado no hall, compenetrado, olhando para o lado de cenho franzido. “Eu acabei de me lembrar de uma coisa”, ele disse. “Acabei de me lembrar da casa de Ipswich, a casa do pai da mamãe. Nós jogamos pedras...”

“Ah!” O rosto de Eileen se iluminou. “Nos cavalos.”

“Nós jogamos pedras nos cavalos...”

“Para salvá-los!”

“Pra não deixar que eles morressem. Então você também lembra. Nós achávamos que eles iam morrer se ficassem parados.”

“Foi assim mesmo.”

“Era só isso.” Os ombros curvos de Louis se afastaram dela. “Até mais.”

Na escola secundária, Louis nunca chegou a se tornar tão desencantado a ponto de sentir vergonha por ter paixão pelo rádio. O rádio era como um animal de estimação aleijado ou um irmão retardado para o qual ele sempre arranjava tempo, sem se importar — sem nem sequer perceber — se as pessoas riam dele. Quando Eileen o via andando em longínquos terrenos baldios, geralmente ele estava indo ou voltando de lojas de equipamentos eletrônicos refrigeradas e quase vazias em algum centro comercial semidesativado, onde o único outro estabelecimento ainda em funcionamento era um restaurante chinês na última de suas sete vidas, e talvez uma loja de animais despovoada. Da parede de artigos pré-embalados onde ficavam expostos circuitos integrados, conectores de RF, micropotenciômetros, garras-jacaré, cabos de extensão e diversos capacitores, ele selecionava itens do topo de sua lista de objetos de desejo, somava os preços mentalmente, fazia uma estimativa de quanto teria de pagar de imposto, entregava os artigos selecionados ao triste funcionário bigodudo que preferia vender aparelhos de som e, por fim, pagava por eles com as notas miúdas que recebera de vizinhos em pagamento por pequenos serviços: caiar paredes; lavar pincéis; cuidar de cachorros. Louis tinha dez anos quando adquiriu um rádio galena, doze quando comprou um Heathkit e montou seu rádio de ondas curtas, quatorze quando se tornou WC9HDD e

dezesseis quando obteve sua licença geral de radioamador. O rádio era sua praia, seu interesse. Um garoto tira uma satisfação que rivaliza com a sexual, ou que talvez se conecte a ela por obscuras vielas mentais, quando junta alguns simples objetos de metal e cerâmica — objetos que ele sabe serem simples porque já destruiu experimentalmente vários deles com chave de fenda e alicate —, liga-os a uma bateria e ouve vozes distantes em seu quarto. Havia resistores perdidos em cima da colcha de sua cama — resistores cujo código de cores ele já conhecia de cor um ano antes de aprender sobre esperma e óvulos — na tarde em que ele perdeu a virgindade. “Ai! O que é isso?” (Era um resistor de 220 ohms, de filme metálico, com faixa de tolerância dourada.) Louis também era um dos poucos radioamadores da grande Chicago dispostos a falar ou codificar em francês e, então, quando as manchas solares estavam intensas, ele podia ficar ocupado durante metade da noite trocando medições de temperatura e informações autobiográficas com operadores de todos os cantos nevosos do Quebec. Coisa que não o tornava um aluno participativo nas aulas de francês, mas apenas entediado, já que tinha o hábito de manter em segredo tudo o que sabia fazer realmente bem.

Entrou na Universidade Rice com a intenção de estudar engenharia elétrica e acabou saindo de lá com um diploma de licenciatura em francês, tendo nesse meio-tempo gerenciado a KTRU, a estação de rádio do campus, durante três semestres. Uma semana depois de se formar, começou a trabalhar numa estação de música country local, desempenhando tarefas relativamente atraentes para cujo abrupto abandono depois de apenas oito meses ele não teria nenhuma justificativa mais satisfatória a dar a Eileen do que a pergunta: “Por que uma pessoa sai de um emprego?”.

Os estúdios da WSNE, sua nova empregadora, ficavam no subúrbio de Waltham, num edifício comercial que dava para um trecho dos quarenta acres dedicados à interseção da Route 128 (“A estrada da tecnologia da América”) com a Massachusetts Turnpike. O nome do cargo de Louis era operador de mesa, um trabalho de peão que envolvia operar o leitor de cartuchos, posicionar a agulha em faixas de discos e fazer a contagem regressiva dos boletins de notícias da Associated Press, mas ele fazia isso só das seis às dez da manhã, porque só o locutor do programa da manhã, Dan Drexel, era considerado insubstituível o bastante para fazer jus a seu próprio operador. Louis sabia que o resto de seu horário de trabalho, que terminava às três da tarde, deveria ser dedicado a tarefas estimu-

lantes como digitar informações sobre o trânsito num teclado, transferir de rolos para cartuchos os comerciais que vinham de agências, redigir comunicados de utilidade pública e avaliar as respostas enviadas pelos cada vez mais escassos ouvintes da emissora na tentativa de ganhar uma variedade de prêmios mixurucas. Sabia também que receberia como pagamento o salário mínimo federal.

Uma das razões pelas quais ele não tivera de enfrentar muitos concorrentes ao se candidatar àquele emprego era a expectativa de que o pedido de renovação de licença que a WSNE teria de fazer em junho não seria tratado como uma simples questão rotineira. Cheques de pagamento de salários eram emitidos com instruções precisas a respeito de quando tentar e quando não tentar descontá-los. A insaciável folha de pagamento havia atacado o principal estúdio de produção, arrancando equipamentos de som, painéis acústicos e tudo mais que tivesse valor de revenda e deixando ásperos retângulos vazios de madeira compensada expostos nos móveis de fórmica e manchas de cola cor de caramelo nas paredes. Uma nova estação FM universitária havia comprado toda a coleção de discos da WSNE, salvo a seção juvenil (as obras completas dos Ursinhos Carinhosos em LP; os Muppets; a trilha sonora original do filme do ursinho Pooh da Disney; os Flintstones recitando tabuadas) e os discos de humor. Os sulcos destes últimos estavam sendo rapidamente desgastados pelo matinal “Notícias com algo a mais” da WSNE, que intercalava notícias e comentários com “os números humorísticos mais engraçados de todos os tempos”.

O dono e diretor da WSNE era um homem chamado Alec Bressler. Alec era um emigrado russo de ascendência germânica que supostamente tinha remado num bote de borracha de Caliningrado até a Suécia em meados da década de sessenta. Embora a única tarefa oficial de que se incumbisse fosse gravar o editorial diário, ele estava sempre zanzando pelos estúdios, observando com imensa satisfação que a eletricidade estava fluindo por todos os circuitos necessários, que aquela emissora que pertencia a ele estava de fato funcionando e transmitindo os programas escolhidos por ele. Cinquentão e ligeiramente barrigudo, Alec tinha um cabelo que era como o Bloco do Leste, meio depauperado e lento para crescer, e a pele acinzentada por um vício em cigarro ao qual ele tentava resistir apenas a ponto de também se viciar em pastilhas de nicotina. Usava suéteres finos e calças desbotadas, justas nas coxas e curtas demais, todas aparentando ser velhas o bastante para terem fugido com ele no lendário bote de borracha.

Louis logo percebeu que uma das funções que se esperava que ele cumprisse era servir de plateia particular para Alec Bressler. “Você gosta de expressar opiniões?”, o dono lhe perguntou em seu segundo dia de trabalho, quando Louis estava imprimindo declarações para patrocinadores. “Eu acabei de expressar uma ótima. Comentei sobre um acontecimento recente. Você consegue adivinhar qual foi?”

O rosto de Louis adquiriu uma expressão atenta, de quem está pronto para ser entretido. “Me conte”, disse.

Alec se sentou no ar e, esticando os braços para trás, apalpou o vazio até encontrar uma cadeira para puxar. “Aquele acidente de avião horrível que aconteceu no fim de semana. Esqueci em qual estado do Meio-Oeste, começa com ‘T’. Duzentos e dezenove mortos, nenhum sobrevivente. A fuselagem completamente de-sin-te-gra-da. Eu questionei o valor de notícia desse acontecimento. Com todo o respeito pelas famílias dos mortos, por que nós temos que ver isso na televisão? Nós já vimos no mês passado, por que ver de novo? Se as pessoas querem ver acidentes, por que nós não mostramos mísseis da Marinha e aviões da Força Aérea, que caem toda vez que são testados? Se as pessoas querem ver mortes, então vamos levar as câmeras para os hospitais, hã? Vamos ver como a maioria das pessoas morre. Eu disse o que nós poderíamos ver em vez dos noticiários de TV, que deviam ser boicotados. Tem M\*A\*S\*H, no mesmo horário, e também *Cheers*, *Caras & Caretas* e *Matt Houston*. E melhores comerciais também. Vamos ver esses programas. Ou vamos ler um livro, mas eu não enfatizei isso não. Já falo demais para as pessoas lerem livros.”

“Isso não é meio que uma causa perdida?”, disse Louis.

Alec segurou os braços da cadeira em que estava sentado e deslizou o traseiro mais para trás, para melhor poder se inclinar para a frente e apelar para qualquer minúscula parte da atenção de Louis a que porventura ainda não tivesse apelado. “Eu comprei esta emissora faz oito anos”, disse. “Ela tinha uma cobertura muito forte de notícias locais, tocava muita música popular e cobria também os jogos dos Boston Bruins. Nesses oito anos eu tenho tentado *tirar a política* da WSNE. É o meu ‘sonho americano’, uma estação de rádio onde as pessoas falem o dia inteiro (nada de música, isso é trapacear!) e não digam uma PALAVRA sobre política. Esse é o meu sonho americano. Rádio com gente falando o tempo inteiro e *sem ideologia*. Vamos falar sobre arte, filosofia, humor, vida. Vamos falar sobre ser um ser humano. E quanto mais perto

eu chego do meu objetivo — você pode ver isso no gráfico, Louis —, quanto mais perto eu chego do meu objetivo, menos gente me ouve! Agora nós temos pela manhã uma hora no total dedicada a acontecimentos recentes, e as pessoas ouvem por causa dessa uma hora de notícias. Todo mundo sabe que Jack Benny é mais divertido que os discursos sobre armas feitos em Genebra. Mas tire Genebra e as pessoas param de ouvir Jack Benny. É assim que as pessoas são. Eu sei disso. Tracei num gráfico.”

Juntando os dedos, ele extraiu um cigarro de dentro de um maço de Benson & Hedges. “Quem é a garota?”, perguntou, curvando-se na direção de um instantâneo guardado dentro de uma gaveta semiaberta. A jovem da foto tinha olheiras escuras e cabeça raspada.

“Uma pessoa que eu conheci em Houston”, disse Louis.

Alec inclinou a cabeça para a frente uma vez e depois outra, como quem diz: “Está certo. Já não está mais aqui quem perguntou”. Em seguida, repetiu o gesto de novo, enfaticamente, e saiu da sala sem dizer mais uma palavra.

Na sexta-feira, depois do trabalho, Louis entrou no seu Civic de seis anos de idade, desceu a Massachusetts Turnpike até Boston e estacionou no último andar de uma garagem que tinha as dimensões e o perfil de um porta-aviões. Um vento leste conferia um ar funesto de gesto derradeiro ao ritual que Louis cumpria ao sair do carro e que incluía olhar para dentro do carro pela janela do motorista, apalpar as chaves no bolso da calça, levantar a alavanca da porta trancada do motorista, contornar lentamente o carro e checar a porta do passageiro, apalpar as chaves de novo e lançar um último, cuidadoso e preocupado olhar para o carro. Louis iria se encontrar com Rita Kernaghan no Ritz-Carlton dali a duas horas.

Uma frente quente que avançava em direção à cidade havia começado a coalhar o azul límpido do céu. No bairro de North End, uma esguia bota de neon chamada ITÁLIA chutava uma enorme pedra de neon chamada SICÍLIA. Era impossível escapar às palavras MERCADO HUMANO. Os italianos que moravam ali — velhinhos que estacavam nas calçadas como insetos em pausas irrationais, seus vestidos estampados com golas frouxas; jovens donos de carros com penteados que lembravam peles de marta — pareciam acossados por um vento que os turistas e intrusos endinheirados não podiam sentir, um vento sociológico carregado da poeira úmida da renovação, tão frio quanto o interesse da sociedade por molhos vermelhos com orégano e Frank Sinatra, tão

intenso quanto a fome de Boston por imóveis em bairros brancos e bem localizados. MERCADO HUMANO. MERCADO HUMANO. Turistas do Meio-Oeste galgavam o alto da colina. Um par de jovens japoneses passou correndo por Louis, seus dedos dentro de guias Michelin verdes, enquanto ele se aproximava da Old North Church, cujo cenário entulhado aniquilou imediata e silenciosamente o quadro mais arborizado que ele havia formado antes devê-lo. Ao circundar um cemitério antigo, Louis pensou em Houston, onde o verão já tinha chegado, onde as ruas do centro cheiravam a pântanos de ciprestes e onde os carvalhos deitavam folhas verdes no chão, e se lembrou de uma conversa que tivera lá numa noite úmida — *Você vai dar sorte da próxima vez. Eu prometo que vai.* Nos prédios em frente ao cemitério, ele viu interiores brancos, aparelhos de entretenimento tão espalhafatosos quanto equipamentos de UTI, enormes brinquedos de cores primárias no meio de salas desertas.

Na Commercial Street eram centenas e centenas de janelas, todas austeras, quadradas e sem enfeites, elevando-se até onde a vista se dispusesse a alcançar. Todas verdes, opacas, vigilantes e excludentes. Não havia lixo no chão para o vento carregar, nada em que os olhos pudessem poupar a não ser paredes de tijolo novas, calçadas de concreto novas e janelas novas. Parecia que a única cola que impedia aquelas paredes e ruas de desabarem, a única força que preservava aquelas superfícies limpas, impenetráveis e sem inspiração, eram escrituras e aluguéis.

De dentro do Faneuil Hall, um refúgio de sentido e propósito para turistas cansados, soprava um cheiro de gordura: de hambúrguer, marisco frito, croissant fresco, pizza quente, cookies de chocolate, batata frita, carne de caranguejo com queijo derretido, feijão cozido, pimentão recheado, quiches, nuggets orientais crocantes com molho tamari. Louis entrou e saiu de uma das galerias para se apropriar de um guardanapo e assoar o nariz. A caminhada e o ar frio o haviam entorpecido de tal forma que ele tinha a sensação de que ao anoitecer a cidade inteira não passava de uma dura projeção da solidão de um indivíduo, uma solidão tão profunda que abafava os sons — exclamações de alerta, motores de caminhão, até os alto-falantes do lado de fora de lojas de eletrodomésticos — a ponto de ele mal conseguir ouvi-los.

Na Tremont Street, sob o olhar de janelas agora transparentes o bastante para revelar cômodos despovoados cheios da tecnologia da riqueza e da mobília da riqueza, Louis se viu penando para abrir caminho no meio de uma mul-

tidão em passeata contra o aborto. Transbordando das calçadas para a rua, os manifestantes marchavam em direção ao prédio da Assembleia Legislativa. Todos pareciam à beira de lágrimas raivosas. As mulheres, algumas vestidas como aeromoças e outras como professoras de ginástica, seguravam as hastes de seus cartazes rigidamente na vertical, como que para envergonhar a leveza com que outros tipos de manifestantes carregavam cartazes. Os poucos homens na multidão seguiam ao lado delas arrastando os pés, de mãos e olhos vazios, seus próprios cabelos desorientados pelo vento. Pelo modo como tanto homens quanto mulheres se mantinham colados uns aos outros enquanto marchavam, esquivando-se carrancudamente de outros pedestres, estava claro que eles tinham vindo para o Boston Common esperando sofrer uma perseguição ativa, o equivalente moderno de leões famintos e uma turba embrutecida de espectadores ímpios. Interessante, então, que aquele vale da sombra fosse ladeado de restaurantes, hotéis de luxo, lojas de malas, janelas frias.

Louis emergiu do fim da passeata com sua gravata no pescoço. Tinha dado o nó nela enquanto se desviava dos emblemas de PAREM COM A CHACINA.

Ele precisou de mais de uma hora na meia-luz do bar do Ritz, sentado numa mesa em que todo mundo esbarrava, para se convencer de que Rita Kernaghan tinha lhe dado o cano. O gim-tônica que ele havia pedido deixou sua cara instantaneamente vermelha, e a única conversa que vinha à tona com certa frequência no mar de vozes concorrentes dizia respeito a eunucos. Apesar de não ter demorado muito a se dar conta de que a palavra era UNIX, ele continuou ouvindo eunucos: a vantagem de usar eunucos, com eunucos você pode, eu odiava eunucos, eu tinha uma resistência a eunucos, o crescente monopólio dos eunucos. “Eu estou tão enjoado”, Louis murmurava em voz alta de dez em dez minutos. “Eu estou tão enjoado.” Por fim, pagou a conta e saiu para o lobby, com a intenção de procurar um telefone. Teve de contornar um trio de executivos que mais pareciam trigêmeos idênticos. Suas bocas se mexiam como as bocas de bonecos de latex.

*Você está sentindo?*

*Não daria pra sentir aqui.*

*Você está me chamando de mentiroso?*

Eram sete e dez. Louis ligou para o serviço de informações e, quando a telefonista lhe perguntou qual era a cidade, ele disse: Ipswich. O aparelho de telefone estava impregnado de um perfume ao qual ele talvez fosse alérgico,

tão nocivo foi o efeito sobre suas membranas nasais. Ligou para o número de Rita Kernaghan, deixou o telefone tocar oito vezes e estava prestes a desligar quando um homem atendeu e disse com uma voz baixa, mortiça e institucional: “Aqui fala o oficial Dobbs”.

Louis pediu para falar com a sra. Kernaghan.

Eunucos, perfume, fetos. Dobbs. “Quem está falando?”

“É o neto dela.”

Louis ouviu o ruído abafado de uma mão tapando o bocal do outro lado da linha e uma voz ao fundo, depois silêncio. Por fim, um outro homem veio ao telefone, um tal sargento Akins. “Nós vamos precisar que você nos dê algumas informações”, disse ele. “Como você já deve saber, houve um terremoto aqui. E não será possível você falar com a sra. Kernaghan, porque ela foi encontrada morta algumas horas atrás.”

Nesse momento, uma voz gravada começou a exigir mais moedas, que Louis, atrapalhado, pôs-se a catar nos bolsos.